ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15875 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
ISSN: 2595-7945
GT 03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

DE OCUPANTE À DOCENTE. EXPERIÊNCIAS DE JOVENS QUE PARTICIPARAM DAS OCUPAÇÕES ESTUDANTIS E ATUAM COMO PROFESSORES NO NOVO ENSINO MÉDIO.

Luísa Silva E Santos - FAE - Faculdade de Educação da UFMG

DE OCUPANTE À DOCENTE. EXPERIÊNCIAS DE JOVENS QUE PARTICIPARAM DAS OCUPAÇÕES ESTUDANTIS E ATUAM COMO PROFESSORES NO NOVO ENSINO MÉDIO

A medida considerada o estopim para a propagação das ocupações escolares de 2016 foi a Reforma do Ensino Médio (MP nº746/2016). A política propôs alterações na estrutura do Ensino Médio, como os itinerários formativos norteados pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC e o aumento da carga horária letiva. Os impactos causados pela reforma somaram-se ainda ao congelamento de gastos por 20 anos sofrido pela educação com a implementação da PEC 241/2016, também em discussão na época das ocupações. As resistências secundaristas para a revogação da reforma cresceram dentro das escolas e se uniram às dos universitários, que além de diretamente afetados pela PEC, também debatiam a nova estrutura do Ensino Médio e o futuro de suas carreiras docentes.

Ainda que as reivindicações realizadas ao longo do movimento e os aprendizados no cotidiano da luta tenham sido potentes, as duas políticas contestadas foram aprovadas. Em relação à reforma, houve estratégias para convencer que o currículo proposto oferece aos estudantes a liberdade de escolher a educação que desejam, no atual modelo do Novo Ensino Médio. No entanto, de acordo com Reis (2023), o processo desta política curricular revelou-se arbitrário e autoritário, ao desconsiderar demandas juvenis reivindicadas ao longo das ocupações e tratar docentes e discentes como meros objetos da política pública, em vez de reconhecê-los como participantes ativos na sua elaboração.

Alguns dos jovens que ocuparam suas escolas e universidades, precisaram lidar com a

experiência posterior de docência nesta nova política curricular, outrora por eles criticada. Embora haja um contexto político e social distinto entre o início do debate sobre a reforma e a sua implementação atual, as trajetórias de vida desses jovens entrelaçam esses momentos e podem nos apontar elementos importantes para debater o Novo Ensino Médio. Diante disso, buscamos compreender de que maneira os aprendizados do Movimento de Ocupações Escolares se relacionam com as experiências docentes de professores do Ensino Médio que foram participantes desse movimento.

Por meio de entrevistas semiestruturadas com essas pessoas, analisaremos se as experiências nas ocupações tiveram um papel formativo para o modo de ser docente, trazendo outros conhecimentos e estratégias para a prática em sala de aula. E, se existem continuidades e rupturas nos posicionamentos políticos em relação ao Novo Ensino Médio no período das ocupações (enquanto estudantes) e atualmente (enquanto professores).

As experiências atuais destes docentes remetem a uma mudança de contexto ao longo dos anos: se antes havia a possibilidade da revogação da reforma, agora ela já foi aprovada e continua numa crescente nas redes públicas e particulares. Além disso, existe também uma mudança de perspectiva nas trajetórias de vida dessas pessoas, que antes analisavam as mudanças do currículo do Ensino Médio enquanto jovens estudantes e, atualmente, vivenciam essas mudanças enquanto jovens professores. Como, então, ser professor(a) em um modelo de ensino outrora criticado? As vivências das ocupações reverberam de alguma maneira nas experiências da sala de aula?

Algumas pesquisas realizadas na época das ocupações estabelecem uma relação estrita entre as experiências no movimento e a identidade dos jovens. À exemplo, Medaets, Mézié e Carvalho identificaram que as experiências anteriores à ocupação, como o contato com entidades estudantis ou grupos juvenis de igreja, foram importantes para que alguns jovens se destacassem na resolução de conflitos e organização do cotidiano das escolas ocupadas. Também ressaltaram que, mesmo entre aqueles que possuíam essas vivências anteriores, a ocupação foi um marco para a formação da identidade política dos ocupantes. Em outra pesquisa, nas ocupações de São Paulo, também foi relatado a importância desse momento como um primeiro contato de ativismo político de muitos participantes (Campos; Medeiros; Ribeiro, 2015).

Neste sentido, entende-se que as experiências nas ocupações adquiriram para alguns jovens uma importância significativa em suas trajetórias de vida e na formação de suas identidades. Ouvi-los, após anos de encerramento do movimento, pode nos dar encaminhamentos sobre o quanto e como isso marcou suas vidas e se aquelas memórias influenciam ou não em suas identidades atuais como docentes, visto que também podem ter sido importantes apenas durante o movimento. A rememoração após oito anos de encerramento das ocupações pode capturar conexões, referências e processos construídos a médio e longo prazo. A elaboração de pesquisas sobre ações coletivas após seus encerramentos, à luz de Sposito e Bringel (2020), pode apontar para outros elementos, por

vezes não perceptíveis durante a efervescência do momento.

Palavras-chave: Novo Ensino Médio, ocupações estudantis; jovens; docência.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Antonia Malta; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Márcio Moretto. *Escolas de Luta.* 1. Ed. São Paulo: Veneta, 2016.

MEDAETS, Chantal; MÉZIÉ, Nadège; CARVALHO, Isabel C. de M.. "Todo desconstruidinho": jovens líderes do movimento estudantil ocupa tudo RS. *Reflexão e Ação.* Santa Cruz do Sul, v. 27, n. 3, 2019. p. 182-201.

REIS, Juliana Batista dos. Protagonismo juvenil no currículo: a força do discurso na contrarreforma do ensino médio em Minas Gerais. *In:* Sem lei nem rei, me vi arremessado - por outros projetos políticos de currículo. Anais. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2023.

SPOSITO, Marilia Pontes; BRINGEL, Breno. Apresentação do dossiê Movimentos sociais e transformações no ativismo contemporâneo. *Educação & Sociedade*. Campinas, v.41, 2020. p. 1-9.